

Aquecimento global

Em 1920, Alexander Chayanov, um economista agrário russo, publicou em Moscou uma novela que, anos mais tarde, lhe custou a cabeça. A “Viagem de meu irmão Alexei ao país da utopia camponesa”. Escrita sob o pseudônimo de Ivan Kremnev, a obra cometia a heresia mortal de prever a conquista do poder, em 1934, pelo Partido Camponês em lugar do Partido Proletário (Bolchevique).

Os camponeses dominariam a Rússia soviética auxiliados por poderosa ferramenta: o controle do clima. Eliminava-se um dos maiores problemas da agricultura – a incerteza –, e os exércitos inimigos (leia-se, alemães) que se cuidassem, pois poderiam ser desintegrados por um furacão bem direcionado pela artilharia do Exército Vermelho. A segunda parte agradava a Stálin; a primeira, porém, era intolerável, e Chayanov foi fuzilado em 1935, acusado de liderar esse imaginário e fantástico partido.

Passados mais de 80 anos, o controle do clima ainda está muito longe de ser alcançado. Mas a convicção de que a ação humana pode alterá-lo de maneira catastrófica e irreversível ganha cada vez mais corações e mentes, inclusive os das pessoas que contribuem para o efeito estufa. O problema é o aquecimento global e seus perigosos derivativos, tais como as variações climáticas que devastam a agricultura e elevam o nível do mar.



Paulo H. Sandroni
FGV-EAESP

A subida das águas transformaria a capital de Pernambuco em um recife de concreto. Nova Orleans, Veneza e especialmente Amsterdam desapareceriam antes; Cuzco talvez resistisse até o final. A Holanda, no início da primavera de 2007, passou pelo período de seca mais prolongada dos últimos 140 anos. Lá, a falta d'água só não é mais grave do que a superabundância.

A grande diferença em relação ao passado é que agora o “Polluter Pays Principle” torna-se imperativo: queira ou não, o poluidor acaba pagando, embora a proporcionalidade nem sempre se aplique. É possível que as perdas decorrentes das mudanças climáticas globais já superem os custos de evitá-las. Aliás, sequer tenho certeza se existem métodos solventes para o exercício dessa contabilidade, embora o Protocolo de Kyoto traga algo nessa direção.

Os povos, aprendem menos pelos acordos e mais pela repetição ou pelo trauma. Ou melhor, pela repetição do trauma ou pelo trauma da repetição. O Katrina, que devastou Nova Orleans, as ondas de seca e calor na Europa, o derretimento de geleiras polares, a evaporação das neves do Kilimanjaro e os pequenos furacões na costa de Santa Catarina talvez sejam as repetições visíveis de traumas que acabem por convencer, enquanto é tempo, os mais recalci-trantes. O Plano B é ensinar, inclusive os que vivem no Nepal, a nobre arte da natação.